

O Egito Antigo em busca milenar pelo raro

Margaret Marchiori Bakos

Abstract

This article deals with the Ancient Egyptians' voyages to unexplored seas, in the search of rare and important things for rituals and everyday life. These consisted of raw materials such as incense, spices, oils, ebony, timber, lapis lazuli, turquoise; to manufactured goods like music instrumental (lyra and flute), weapons, gold and silver objects, boats and chariots; animals: bulls, ostriches, panthers, monkeys; and even persons: the pygmys. The need for these articles led the Egyptians, since the Ancient kingdom, to Asia, Western and Eastern deserts, to Nubia and Punt.

O Egito antigo é conhecido como o *celeiro da antigüidade* desde o início do período dinástico pelo desenvolvimento no vale do Nilo, que impulsiona a produção agrícola organizada que alimenta a população e fornece excedentes para exportação. As chuvas são raras e a água necessária para a vida provém das cheias anuais do Nilo, entre junho e outubro ao cobrir e fertilizar as terras com o aluvião. Permitem, ainda, no decorrer do ano, a irrigação regular das áreas cultivadas, mediante a administração das águas depositadas em canais preparados para isso.

Entre as principais culturas egípcias estão as dos cereais o *triticum dicoccum*, espécie de trigo e cevada; as leguminosas — lentilha e grão-de-bico; cebolas, alho; frutas, especialmente as tâmaras, forragem para animais, e plantas cultivadas para extração de óleo — o sésamo. O Egito também produz e exporta o linho, mais tardiamente, o papiro e, excepcionalmente, o ouro existente ao sul, a partir de Coptos (WILSON, 1993:92).

A distribuição interna de bens no Egito é basicamente fluvial. Isso é possível ante a permanente brisa que sopra sobre o Nilo, mesmo que o ar pareça imóvel sobre as terras do vale e do deserto (BETRÒ, 1995:220). A imagem de uma vela branca enfunada pelo vento é a representação natural da idéia de vento na escrita hieroglífica. Os mercadores, informa James,

sobem e descem o rio, ativos como abelhas. (JAMES, 1985: 248). É natural que em um país constituído por um vale estreito e um longo rio, este torne-se a principal via de comunicação (Adolf Erman). Isso se expressa através dos termos disponíveis na escrita hieroglífica mais específicos para indicar atividades comerciais no Egito: *seguir a corrente e descer contra a corrente* (ERMAN, 1971:478).

Como há um monopólio faraônico sobre as atividades comerciais, são provavelmente os funcionários reais que atuam no comércio internacional e os que transportam e distribuem as coisas no País, subordinando-se a um vizir, governador provincial ou a uma organização templária (JAMES, 1985: 248).

Os produtos comercializados devem ser úteis ao poder real, desde materiais brutos — incenso, especiarias, óleos, marfim, madeiras para navios, cedro e acácia para esculturas, ébano; pedras duras, lápis-lazúli, turquesas; manufaturas —, instrumentos musicais, lira e flautas, armas, objetos de ouro e prata, navios, carruagens; animais: touros, avestruzes, panteras, babuínos e, até mesmo, pessoas: os pigmeus.

Entretanto, sair da região nilótica significa correr riscos. O mito de criação de Heliópolis, um dos mais antigos e importantes da história dessa sociedade, identifica o Egito, irrigado pelo Nilo, com a terra de Horus, o deus benéfico, e região, a partir do deserto, com Seth, o maligno. A historiografia reforça essa idéia e valoriza a tendência de isolamento do Egito em relação aos vizinhos, fato geralmente atribuído aos seus limites geográficos naturais: o Mar Mediterrâneo ao norte; as cataratas; ao sul, e os desertos — da Líbia, o ocidental, e o que se forma entre a região nilótica e o Mar Vermelho, o oriental.

Aventurar-se rumo ao leste, seguir a costa do mar Mediterrâneo, atravessar as barreiras formadas pelas cataratas e rumar para o interior da África ou penetrar nos desertos ocidentais e orientais são desafios que se enfrenta somente para a conquista de algo raro, necessário, desejado. Inicialmente, os egípcios usam pequenas embarcações, tipo casca de árvore, feitas com feixes de papiro. Depois, iniciam a construção de barcos de madeira. A inexistência de madeira própria para a construção de navios, torna sua importação necessária desde os incios do período dinástico. A antigüidade desse comércio é atestada pelo barco funerário de Keóps, o construtor da grande pirâmide, que é de cedro, da Síria Palestina, região que os antigos Egípcios denominam de Retjenu. Alguns dos nomes de diversas localidades, desapareceram. Outros, como Damasco, Beirut, Biblos, Tiro, Gazza, ainda permanecem.

Ao nordeste do Retjenu está a Assíria, sendo a região de Naharena, no Eufrates, normalmente, o limite da jornada para os egípcios. Além desse ponto, comerciam com Sangar, país montanhoso, situado entre o Eufrates e o Tigre, atualmente denominado Sindjar, e com a própria Assíria. É interessante notar os egípcios nomeiam o rio Eufrates simplesmente de “água de Naharena”, considerado exótico pela direção em que correm suas águas. Por essas paragens, os egípcios também comerciam o lápis-lazúli, cuja principal fonte é, na antigüidade, Badakshan, no Afeganistão, à época uma região muito próspera.¹

Um indício culinário indicador da antigüidade dessas relações remonta ao velho império, período em que o pão sírio se torna comum nas mesas faraônicas (ERMAN, 1971:514). Durante o Novo Império, o volume e a diversidade de produtos importados da Síria pelos egípcios aumentam em relação ao antigo Império e inclui uma diversidade maior de coisas. Na busca pelo raro, os egípcios se aventuram até mesmo nos temíveis desertos, o ocidental da Líbia e o oriental, entre a terra nilótica e o Mar Vermelho.

Sobre o deserto ocidental é importante saber que, na antigüidade, nomeia-se de Líbia toda terra que se estende até 1.500m ao sul do mar. Essa região é tão hostil aos humanos que os oásis de el-Kharga e el-Dakhla, ali situados, tornam-se esconderijos ideais, ao longo da história do Egito antigo, para fugitivos da justiça ou de outras perseguições (BAINES, 1996:19). Há poucas razões para que as pessoas viagem para lá. Os egípcios viajam à Líbia para buscar uvas e tâmaras de excelente qualidade, ou porque ela é ponto de passagem para rotas comerciais mais remotas.

A Núbia, inicialmente conhecida como *Terra do Arco*, é um local procurado, pelos egípcios antigos, desde 4.000 a.C., devido às suas riquezas naturais. Especula-se que o próprio termo núbia seja derivado de — NBU — palavra egípcia antiga para designar ouro. Não existe, hoje, nenhuma entidade política com o nome de Núbia, mas o termo ainda é usado para definir a região entre Asswan e Debba, onde também falam-se, até hoje, os dialetos núbios. Atualmente essa área está dividida entre Egito e Sudão.

Desde os inícios do período dinástico há uma fronteira natural entre o Egito e a Núbia, na altura da primeira catarata, em Gebel el Silsila, formada pelos blocos de arenitos. Esse local é extremamente importante para os antigos egípcios porque ali há uma rica pedreira, de onde, à época, extraem material para suas grandiosas construções. Ao sul de Gebel el-Silsila, começa a Núbia propriamente dita,² cujas principais cidades são Assuão e Kom Ombo (BAINES, 1996:20). Entre a primeira e a segunda

catarata fica a Baixa Núbia, ponto vital de passagem para as riquezas naturais da África, principalmente a de animais exóticos: leões, leopardos, panteras, girafas, antílopes, avestruzes, babuínos, gazelas e macacos. A lista se completa com as madeiras de Wawat, acácia e ébano, pedras duras (*feldspar* — tipo de pedra rochosa), cornélias, diorito, ouro, especiarias, pigmeus e marfim.

Os nomes de alguns dos lugares dessa região, como a ilha de *Abu* que significa, na língua local, *Elefantina* e a de *Suênet* (Syene), que significa *Ilha do Marfim* permanecem e testemunham a antiguidade e a importância desse comércio (ERMAN, 1971:499).

A partir de 3000 a.C., o Egito unifica-se. A partir de um governo centralizado, da linguagem escrita e dos interesses comerciais pretende expandir-se, com a busca de objetos sofisticados. Não há dúvida de que a atração pelas riquezas do interior africano motiva o Egito a empreender a conquista política da Baixa Núbia, o que transforma os produtos africanos, até então mercadorias, em tributos, com óbvias vantagens para os egípcios.

Desde os tempos do faraó Pepi II,³ na VI dinastia, Elefantina passa a ser governada por príncipes núbios, na condição de oficiais dos faraós. Os governantes egípcios da XII dinastia penetram fundo no interior da África. Sesóstris I é o faraó que mais longe vai em busca das minas de ouro do deserto Núbio. Data do seu governo a primeira referência ao reino de Kush, parte mais meridional da Núbia, na altura da terceira catarata.

As conquistas egípcias se alastram até o País de Wawat, e o neto de Sesóstris I, Sesóstris III, no oitavo ano de seu reinado, estabelece, ali, uma fronteira muito rígida⁴ pela qual nenhum núbio possa passar nem por água nem por terra, exceto na qualidade de embaixador ou mercador do entreposto de Egen, sob controle dos Egípcios, mas desde que não use o próprio barco.

Para garantir a permanência do comércio, os Faraós da XII dinastia constroem uma série de fortes em locais estratégicos.⁵ Demonstram excelente conhecimento arquitetônico: pelos pontos escolhidos para as construções, pela análise da topografia local, e pelo produto final: a construção militar. O Forte de Buhen, por exemplo, na segunda catarata, com cerca de 8m de altura, muros com bastiões, seteiras e profundos fossos é um belo protótipo dos fortes construídos, posteriormente, na Síria, pelos faraós da XVIII dinastia e pelos europeus, ao longo do período medieval. As fortalezas monumentais são protegidas por grandes muros circundantes, possuem baluartes de defesa, fossos, portões maciços e pontes levadiças. Internamente, os fortes funcionam como praças comerciais, com locais

para administração, armazenamento, oficinas, barracas, além, naturalmente, de templos para o culto aos deuses locais.

Tutmés I vai mais longe nesse processo expansionista egípcio e conquista até Napata, onde fica a montanha sagrada de Gebel Barkal.⁶ A partir de então, a Núbia ou Kush, como os egípcios chamam essa parte da região permanece por quinhentos anos sob o domínio egípcio. O período é conturbado pelos movimentos dos revoltados nativos diante do permanente caldeamento das mercadorias africanas para o Egito (ERMAN, 1971:503). A presença faraônica tem importância para a história de Napata, capital da Alta Núbia, onde se desenvolve uma cultura de influência egípcia, que dá origem a 25 dinastia egípcia e ao reino de Napata-Meróe que, por sua vez, se mantém até 350 a.C., quando os etíopes⁷ o destroem.

Voltando à história do comércio, viajar rumo ao deserto oriental representa uma aventura recompensadora. Nessa direção, estão as pedreiras ricas em material de construção e jazidas de pedras semipreciosas. Entre os minerais mais cobiçados, ali existentes, salientam-se as turquesas, extraídas pelos egípcios desde a III dinastia até o fim do Império Novo. O Sinai possui minas de cobre, fato comprovado nas escavações de ruínas egípcias no Sinai ocidental, onde há, inclusive, um povoamento egípcio permanente. Algumas pedreiras localizam-se perto do vale do Nilo, de Gebel Ahmar, de quartzito, e de Hatnub, de alabastro egípcio. Outras, como as de grauaque, pedra negra e dura, em wadi Hammamat, e as de ouro, situadas em grande parte ao sul, na latitude de Coptos, são distantes e de acesso difícil, o que exige a organização de expedições em grande escala (BAINES, 1996:19).

O domínio egípcio sobre a população nômade local é importante para a exploração das minas e para utilização de três principais vias de acesso ao Mar Vermelho pelo wadi Gassus até Safaga, pelo wadi Hammat até Quseir e pelo wadi Abbad até Berenice. Existe, ainda, outro caminho que vai de cerca de 80 km ao sul do Cairo até o golfo de Suez. Há indícios de que a utilização dessas rotas tenha início no fim do período pré-dinástico, para fins de comércio no Mar Vermelho ou na exploração mineira (BAINES, 1996:19).

A ligação entre o Egito e o Mar Vermelho pode ser vista, então, como um dos aspectos mais atraentes da rota do deserto oriental. É extremamente importante analisar as diferentes denominações que os antigos egípcios dão a essa região: Terra Divina — Oriente — Levante. Todas elas possuem uma conotação semelhante à que possui a palavra Levante nos tempos modernos — local exótico e atraente. Punt⁸ é o nome dado a uma parte dessas terras, situada em lugar não determinado e que provavelmente

te corresponde à posição da Eritreia ou Somália, no chamado Chifre da África, de onde provêm inúmeros artigos exóticos, de luxo, como o incenso e a mirra⁹ (BAINES, 1996:20). É provável que a denominação *Terra Divina* refira, na origem do uso, simplesmente a posição geográfica — o Oriente — como o local onde o deus Rá aparece diariamente. Em linguagem comercial o termo é provavelmente aplicado ao deserto montanhoso, entre o Nilo e o Mar Vermelho, a península do Sinai, e também, sem dúvida, ao norte e o centro da Arábia. Punt também significa a mais tropical das costas do Mar Vermelho, o sul da Arábia e a costa da Somália.

Não há nenhuma dúvida de que os egípcios desde tempos remotos contatem com essa Terra Divina. Lá se localizam as pedreiras de Hammamat e pela região passa o caminho que leva ao Mar Vermelho, minas do Sinai e aos países do incenso. Há referências de que no tempo de Sneferw, na IV dinastia, os *tesoureiros dos deuses* e seus funcionários subordinados viajem nessa via pela rota de Qosêr.

No decurso dos séculos, os pontos de chegada e de saída dessas rotas sofrem algumas mudanças. É fato sabido que os egípcios constroem, ao norte de Qosêr, um forte para proteger o lugar e um pequeno templo onde os viajantes podem pedir a proteção do deus do deserto e da *Terra Divina*: Min de Coptos.

Dois referências importantes da XI dinastia indicam a presença dos egípcios em Punt. A primeira, data do reinado do faraó Mentuhotep, que abre um poço em Hammamat e traz água para as montanhas que, sem a água, são intransitáveis para os humanos (ERMAN, 1971:506). A segunda referência data do Médio Império e consiste em uma inscrição que o Chefe do Tesouro — Henu — manda gravar em Hammamat:

“Sua majestade incumbem-me de mandar barcos para Punt, para buscar incenso fresco dos príncipes e chefes do país vermelho (...). Eis que eu saio da cidade de Coptos.

Então, eu marcho com um exército de 3.000 homens. Há artistas de diferentes estilos que seguem os soldados. A rota da jornada passa por muitos lugares desconhecidos para nós, e tudo está tão bem arranjado que eu tenho condições de dar a cada um de seus homens dois cântaros de água e vinte pães, diariamente.

Cavo três fundos poços e chego ao mar, construo este barco, e o equipo completamente e preparo um grande sacrifício de bezerras, bois e gazelas. Quando eu retorno do mar trago tudo o que sua Majestade me tem ordenado, todos os produtos que encontro nos distritos da Terra Divina.”, além de colossais blocos de pedra de Hammamat.

Nada tão importante quanto esse feito, ocorre anteriormente. Henu explica que tudo faz por amor ao rei e em reconhecimento à importância que ele lhe dá.”

Pelo relato, explica Erman, Henu não viaja para Punt. Ele marcha com os seus homens de Coptos ao Mar Vermelho. Lá, ele equipa um navio e os sacrifícios que oferece aos deuses lhe asseguram uma boa viagem (ERMAN, 1971:507). Já Martinez informa que há indícios de que, no Médio Reino, uma expedição com cerca de 3.000 homens parte de Coptos e atravessa o desolado deserto oriental, rumo ao Mar Vermelho. Ela transporta madeiras e carpinteiros para a construção de navios, em instalações portuárias existentes em Mersa Gawalis, ao norte de Qoseir (MARTINEZ, 1993.).

Em síntese, muito antes que os navegadores da modernidade, os Egípcios constroem um mito em torno do oriente — lugar mágico, onde o sol nasce e onde há um número grande de coisas importantes e raras, que lhe conferem o caráter de *terra divina* (ERMAN, 1971: 505). Tal concepção, explica Erman, é comum em vários momentos da história. Os povos na antigüidade costumam imaginar que os países distantes, de onde vêm coisas preciosas, são habitados por criaturas extraordinárias. Eles acham difícil acreditar que as especiarias, por exemplo, provenham de plantas comuns. Questionam que as preciosas e raras pedras preciosas se assemelhem a seixos.

Um único papiro preservado no Museu de St. Petersburgo, conhecido como O Papiro de Leningrado, que data provavelmente do Médio Império, contém um texto muito importante para esta apresentação. Trata-se de um conto que, à semelhança da literatura de cordel, contém uma série de narrativas (ERMAN, 1971:508).

Em síntese, o papiro narra um desastre que se transforma em sucesso. Há um narrador que explica o início da história a quem Erman refere como um funcionário faraônico que relata o sucedido quando ele viaja para as minas do faraó, em um navio com 20m de comprimento, equipado com 150¹⁰ dos melhores marinheiros egípcios, “*que sabiam do céu e da terra, e nos quais o coração era mais sábio que o de um leão.*” Diz que a previsão do tempo, no momento inicial da viagem, é boa, mas, no meio do mar, levanta uma ventania e formam-se ondas muito altas. O funcionário explica que, seguro em um pedaço de madeira, ele se torna o único sobrevivente dessa tempestade. Ele dá conta de si em uma ilha, depois de três dias boiando sozinho no mar. Deita em uma moita e *vê tudo escuro* até que, descansado, busca alimentos e encontra todos os tipos de plantas e frutas, figos, uvas, melões, peixes e pássaros. Nada era procurado. O fun-

cionário se sacia, repousa e faz um buraco onde acende o fogo e faz ofensas aos deuses. De repente, conta o narrador, ele ouve um barulho de trovão, que pensa ser o ressoar de uma onda; as árvores tremem, a terra sacode. Ele levanta o rosto e vê uma víbora imensa. Ela tem o corpo incrustado de ouro e suas cores são intensas como lápis-lazúli. O funcionário joga-se aos pés dela e a serpente pergunta:

“— *Quem vos trouxe cá? — Quem vos trouxe cá? — Quem vos trouxe cá?*

E ameaça:

— *Se você não me responder quem trouxe você, eu vou lhe mostrar quem você é.*

Sem dar tempo para respostas, a serpente toma o egípcio na boca, carrega-o para sua toca, o coloca-o no chão delicadamente e pergunta de novo:

— *Quem vos trouxe para cá?*

O funcionário, em posição de mesura, conta para a serpente tudo sobre a viagem, o naufrágio e tudo o mais. A serpente diz:

Não tenha medo, pequeno. Não fique com a face ansiosa. Se você está aqui é por vontade de Deus que preserva sua vida. Esta é a ilha espiritual, onde não se deseja nada, e onde tem todas as coisas boas. Veja, você pode ficar aqui um mês após o outro, até que você tenha gasto quatro meses de sua vida nesta ilha. Então, um barco virá com marinheiros de fora deste país, e você pode voltar para o seu.(...) (ERMAN, 1971:508-509).

A serpente, informa o narrador, explica que conversar é bom, ajuda a mandar longe os tempos maus, e espontaneamente conta que vive na ilha com seus irmãos e filhos, formando ao todo 75 serpentes com os filhos. Solidariza-se com o egípcio pela sua situação e avisa que, com paciência, ele pode sonhar em abraçar seus filhos, sua esposa e ver sua terra e casa novamente, com todas as coisas boas. O narrador conta que, após essa fala, ele se joga aos pés da serpente, e promete o envio de óleos sagrados pelo faraó do Egito como recompensa pelo tratamento bondoso que ela concede a um humano estrangeiro, porém a serpente ri com o discurso e responde:

“— *Na verdade, vós não sois rico em mirra, nem em incenso comum. Eu, entretanto, possuo mirra. O óleo heken, que você menciona, é raro nesta ilha. Mas não se preocupe em mandá-lo. Assim que você deixar esta ilha e*

partir para o seu País, não verá jamais esta ilha novamente: ela vai ser transformar em água.” (ERMAN, 1971:509).

O narrador encerra o conto com o barco que chega para buscá-lo no tempo previsto pela serpente. O funcionário finalmente parte da ilha e leva com ele presentes preciosos: mirra, incenso, óleos, madeiras, peles de pantera, presas de elefantes, galgos, macacos e outras coisas preciosas.

Há, ainda, um terceiro e importante registro sobre a estada dos Egípcios nas *Terras dos odores que agradam aos deuses*, dessa vez do Reino Novo. Com Hatsepsut (1473-1458 a.C.), os egípcios fazem inúmeras conquistas, do Eufrates ao Nilo Azul, o que torna o Egito um ponto central entre a Ásia e a África oriental. Um dos eventos mais importantes desse reinado é a expedição que Hatsepsut manda a Punt,¹¹ via Mar Vermelho.

Até então, o Egito recebe quantidades mínimas de aromas, eventualmente impuros, porque misturados com outras substâncias, através de mercadores que fazem longas caravanas pelos desertos sudaneses. A expedição, organizada no 7/8º ano de Hatsepsut, visa trazer uma grande quantidade da resina sagrada e, sobretudo, árvores de incenso vivo que permitam ao Templo de Amon o auto-abastecimento. A expedição busca expressamente o Oliban, árvore de difícil identificação atualmente, e outros produtos como o ébano, gomas, resinas, frutas e minerais: ouro, electrum e o kohol, inicialmente usado para proteção dos olhos contra os insetos, e depois como cosmético.

A expedição era composta de cinco navios, com cerca de 20 metros de comprimento, 35 remadores e gigantescas velas, que se sobressaíam como asas além das laterais dos navios. Como não diferiam das embarcações que navegam no Nilo, supõe-se que não tinham condições de enfrentar as águas turbulentas do Mar Vermelho e que fizeram navegação de cabotagem. Cada navio levava 210 homens, 30 remadores, 8 guardas e 1 oficial. Também levava grandes jarros que contêm cerveja, vinho, carnes, frutas e pães, provisões perecíveis que não se sabe como eram conservadas. Antes da partida dos navios são realizados sacrifícios na praia, perto das árvores, onde os barcos estavam atracados, em homenagem à deusa Hathor, *A senhora de Punt*, aquela que *pode mandar o vento*.

O aspecto de Punt, com a luxuriante vegetação tropical provavelmente produz com suas palmeiras, as tamareiras e coqueiros um efeito extraordinário nos egípcios. A fauna é típica da África: gado com cornos longos, girafas, rinocerontes, símios, panteras e leopardos. Os grandes de Punt vêm ao encontro da expedição — Parakhon e sua mulher Aty, seus filhos, uma menina e um rapaz. A figura da rainha fica legendária pela sua

obesidade. Eles oferecem presentes de origem animal aos egípcios: gado africano com os cornos longos, ovos e plumas de avestruzes, cachorros semelhantes a galgos, babuínos ou pequenos símios, panteras e leopardos, e peles de leopardo. Os egípcios, em troca, ofertam colares vistosos de ouro, contas de cerâmica, braceletes, machado, adaga e coldre (MARTINEZ, 1993: 85).

Todas as coisas são empilhadas no navio. Os macacos podem brincar em liberdade. Os barcos voltam vergados com os tesouros de Punt, belas plantas da Terra Divina, com pilhas de incenso, árvores de mirra, ébano e puro marfim; ouro; madeiras perfumadas; vários tipos de incenso e pigmentos; babuínos, macacos e galgos; peles de pantera do sul, além de escravos e seus filhos.

Tebas recebe o espólio em triunfo. O que causa maior admiração são as três árvores de incenso ainda em crescimento. Isso é novidade no Egito e quando Tutmés III sobe ao poder, ele também recebe uma árvore de incenso, em crescimento. Ramsés III manda seus grandes navios aos países do “grande mar de águas revoltas” — o sul da Arábia. E as árvores de incenso são novamente consideradas as melhores coisas do espólio que a expedição traz da Terra Divina e de Punt (ERMAN, 1971:514).

Em conclusão, o comércio do Egito com os países do incenso deixa poucas influências de grande efeito a longo prazo. Entretanto, a busca de coisas especiais para suas rotinas e cerimoniais leva os egípcios a empreitadas grandiosas, através de desertos e mares, confere-lhe um lugar especial na história e situa-o entre os que, na modernidade, chegam a novos continentes. Ao contrário do que normalmente se afirma sobre os antigos egípcios, eles são, com toda a certeza, elementos efetivos e ativos na busca milenar da humanidade pelo raro.

Bibliografia

- BAINES, J., MÁLEK, J. *O Mundo Egípcio. Deuses, Templos e Faraós*. Madrid: Edições del Prado, 1996.
- BAKOS, M. M. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.
- BETRÒ, M. C. *Les Mystères de l'Écriture*, Paris: Flammarion, 1995.
- ERMAN, A.. *Life in Ancient Egypt*. New York: Dover Publications, 1971.
- CARDOSO, C. “Escrita, sistema canônico e literatura no antigo Egito”.
In: BAKOS, M. M., POZZER, K. P. (org) III Jornada de Estudos

do Oriente Antigo. *Línguas, Escritas e Imaginários*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998. pp 95-144.

JAMES, T.G.H. *Pharaoh's People*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

KEES, H. *A Cultural Topography*. London: Chicago Press, 1977.

MARTINEZ, P. "Une Expedition Pacifique au Lointain Pays de Pount". In: *Le dossiers D'Archeologie*, N 187S, nov. 1993.

WILSON, H. *Understanding Hieroglyphe*. London: Mara Books Limited, 1993.

Notas

¹ Na antigüidade ocorreu um significativo número de trocas culturais. Aquilo que os antigos egípcios não podiam trazer para o seu país, eles buscavam imitar. Adotaram, inclusive, algumas divindades sírias como Baal, Astart e Anat.

² A Núbia, por sua vez, precisava de produtos do Egito como o mel, roupas de linha e instrumentos especiais como os machados de cobre e o enxó do tipo egípcio.

³ Pepi II — VI Dinastia — 289-2255 a.C.

⁴ Ele construiu primeiramente um templo a Dedun, o deus núbio, e depois a Knem.

⁵ Ver: BAKOS, Margaret Marchiori. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996. p.11

⁶ Uraeus representa o direito de reinar e forma de amuleto com poderes de desviar mau olhado.

⁷ Etiopia do grego *aithiops*, os que têm o rosto queimado.

⁸ O nome Punt não é um monossílabo, mas uma palavra com duas sílabas contendo as consoantes *p, w, n*, juntamente com o final feminino *t* (ERMAN, 1971:505).

⁹ Designação comum a duas árvores da família das bursé, originárias da África, cuja resina imana por incisão e se usa como incenso e em perfumes, unguentos etc.

¹⁰ Tradução recente e atualizada desse texto por Ciro Flamarion Cardoso, refere a presença de 120 marinheiros na embarcação (CARDOSO, 1998:508).

¹¹ Devemos o conhecimento desta expedição ao egíptólogo francês Auguste Mariette que descobriu no pórtilo sul do segundo terraço do Templo de Hatsepsut, em Deir el Bahari, descrições de paisagens relativas ao País de Punt. MARTINEZ, Philippe. Une expedition pacifique au lointain pays de Pount. *Le dossiers D'Archeologie*, N. 187S, nov. 1993.